

PREFÁCIO

É importante perceber quantos esforços foram feitos para que a Contabilidade chegasse neste despontar do século XXI com tamanho vigor e qualidade.

Difícil, todavia, é compreender o vigor da atualidade se não se conhece a História; cada Nação precisa avaliar a sua, inclusive para acender a chama do justo orgulho sobre o valor da intelectualidade que possui.

O papel que Portugal representa no contexto da evolução do conhecimento contábil procurou demonstrá-lo uma liderança cultural como a exercida por Jaime Lopes Amorim, Fernando Vieira Gonçalves da Silva e Martim Noel Monteiro, dedicando-se a estudos que teceram o panorama mundial do passado de nossa disciplina.

Na atualidade, apreciável é o movimento empreendido pelo Centro de Estudos de História da Contabilidade da APOTEC, correspondido pelo esforço de destacados mestres da nossa disciplina, no que tange ao relevo que o estudo do passado deveras merece.

A virtude de entidades como a referida é exatamente a de criar atmosferas culturais sob o influxo das quais germinam idéias e acionam-se iniciativas intelectuais como a presente.

Esta oportuna obra do Professor Dr. Joaquim Fernando da Cunha Guimarães vem enriquecer o arquivo das letras históricas em Portugal, enfocando com propriedade o assunto de que trata, apresentando pesquisa de relevante significação.

A contribuição lusitana à técnica e à ciência da Contabilidade encontra neste livro um destaque especial e competente.

Conheci, sim, grandes trabalhos desenvolvidos por outros povos latinos, através do que escreveram denodados historiadores, mas, em língua portuguesa, escassa foi a literatura que compulsei.

O trabalho do Professor Dr. Joaquim Fernando vem resgatar em boa parte, com dignidade, a dívida cultural havida e que nos impedia de penetrar em meandros antes não revelados.

A fatalidade histórica, em certas fases, como aurora radiosa a prenunciar dia fulgurante, traça momentos significativos como este que estou a perceber em Portugal no campo da cultura contábil refinada, ou seja, naquele verdadeiramente superior da História, Ciência e Filosofia da Contabilidade.

À semelhança de outros locais onde o fulgor intelectual marcou época, é notório o esforço dos colegas lusitanos em desenvolver matéria de seriedade cultural.

Assim, como razão analógica, é digna de recordação, a revolução científica italiana prenunciada pelo Congresso Nacional de 1879, realizado em Roma.

Figuras proeminentes como Cerboni, Besta e Rossi, embora alimentando doutrinas de tendências diferentes, convergiram no objetivo do progresso das ciências contábeis.

Reconheceram que uma nova era estava surgindo, que as correntes de pensamento já estavam amadurecidas e que o futuro exigia novas definições para o campo de nossa disciplina.

Profissionais, como o genial Fábio Besta, assumiram, no momento a que me referi, uma posição perante a nossa história, todavia, alicerçada nos fundamentos exuberantes que Villa já deixara em 1840 (o materialismo contábil do passado foi o que ofereceu raízes a todas as correntes modernas, como foi a escola grega clássica antiga a que alimentou o Renascimento italiano que encerrou a Idade Média).

Como um autêntico Renascimento Contábil, surgiu um novo tempo, onde, o papel social da Contabilidade não poderia limitar-se a informações e onde o passado deveria ser analisado sob ótica científica, para que o futuro pudesse ser esplendoroso.

A nobreza de um conhecimento está na qualidade intelectual que inspira.

Buscou-se uma utilidade magna, pelos caminhos de uma tecnologia inspirada em uma vigorosa ciência.

Reconheceu-se que a prática precisava estar vigorosamente sustentada em métodos racionais, dimanados de conhecimentos superiores que já no passado haviam sido acenados e que mereciam aperfeiçoamentos, mas que precisavam ser conhecidos em suas origens.

O importante nas profissões é a utilidade que prestam a terceiros, mas, também, a confiança que inspiram pelo vigor de seu acervo cultural.

Sendo a Contabilidade a ciência da riqueza individualizada, é natural que ofereça meios para que se alcance a prosperidade da célula social, mas, como asseverou Leonardo da Vinci, não se pode entender o presente e nem abrir perspectivas ao futuro do saber e nem das práticas se não se conhece bem o passado.

Naquele famoso Congresso de 1879, seguindo o que comentou Vincenzo Masi em importante artigo publicado na Revista Italiana de Contabilidade, nos anos de 1923 e 1924, sobre essas lutas doutrinárias, o que se buscava, em verdade, era a maior “qualidade” do conhecimento, esta que só se alcança quando realmente se atribui valor a conquistas já feitas e que às vezes são abandonadas inexplicavelmente.

Buscar um qualitativo que emerge da cultura já conseguida, da experiência já alcançada, é a grande contribuição do estudo histórico.

“A experiência é a mestra de todas as coisas” , escreveu, há dois mil anos, Caio Júlio César, quando historiou sobre a guerra civil romana.

A evolução não se opera em saltos, mas, quaisquer progressos dependem de grandes observações, raciocínios e experiências, estas que a História revela.

A razão alcança onde os olhos nem sempre conseguem distinguir; quando no século, no século XVII , Copérnico afirmou sobre as fases do planeta Vênus não tinha comprovado as mesmas, mas, sabia que deveras existiam, pelo fruto de suas observações e raciocínios.

Só depois, com a produção do telescópio, com o aperfeiçoamento a este dado por Galileu Galilei, é que se conseguiu comprovar o que a teoria havia estabelecido.

Por isto, em todos os ramos do conhecimento humano, sejam quais forem, existe a necessidade premente de unir teoria e prática, amalgamar conhecimentos de todos os tempos, nisto sendo relevante o estudo da História. Quando isto é feito com qualidade, como o é nesta obra do Professor Dr. Joaquim Fernando da Cunha Guimarães, pode-se, então alcançar objetivos válidos.

O autor apelou para a pesquisa, segundo ele mesmo nos manifestou, mas, também, para a cooperação de luminares como os ilustres professores: Camilo Cmourdain de Oliveira, Rogério Fernandes Ferreira, Armandino Cordeiro dos Santos Rocha, Hernani O. Carqueja, Lúcia Maria Portela de Lima Rodrigues, Delfina Rosa da Rocha Gomes e Ana Rita Serra Faria, ampliando, assim, a qualidade do que já havia produzido, considerada a expressão dos referidos intelectuais.

Em verdade, com este prefácio, nenhuma intenção me move em aduzir qualquer assunto ao já tão bem exposto tema aqui desenvolvido, mas, apenas,

o afirmar que neste trabalho é possível encontrar uma contribuição de qualidade.

Quando um ser se dispõe a entregar parte dele mesmo à comunidade, transferindo experiências, merece respeito; isto é o que me merece o Professor Dr. Joaquim Fernando Cunha Guimarães.

Sempre se renovam em mim esperanças quando observo que existem denodados companheiros de profissão preocupados com o destino desta, com a valorização permanente da comunidade através de cultura qualificada.

A literatura contábil de língua portuguesa está enriquecida com o presente trabalho que certamente contribuirá para o progresso cultural de todos os que dele se valerem como consulta visando a acrescentar conhecimentos.

Prof. Doutor Antônio Lopes de Sá

Presidente de Honra do Centro de Estudos de História da Contabilidade da APOTEC, Conselheiro Consultivo da Fundação Brasileira de Contabilidade, do Conselho Federal de Contabilidade, Vice-Presidente da Academia Nacional de Economia, Doutor em Ciências Contábeis pela Faculdade Nacional de Ciências Econômicas da Universidade do Brasil, Rio de Janeiro, Doutor em Letras, H. C., pela Samuel Benjamin Thomas University, de Londres , Inglaterra